

Experiência docente durante a pandemia: relato dos desafios na busca de uma pedagogia engajada

Teaching experience during the pandemic: report of the challenges in the search for an engaged pedagogy

Experiencia docente durante la pandemia: informe de los desafíos en la búsqueda de una pedagogía comprometida

Recebido: 06/12/2021 | Revisado: 11/12/2021 | Aceito: 15/03/2022 | Publicado: 22/03/2022

Mayara Margarida Santos Muniz

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9481-7470>
Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Brasil
E-mail: mayarapsi@yahoo.com.br

Mônica Ramos Daltro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5579-0914>
Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Brasil
E-mail: monicadaltro@bahiana.edu.br

Resumo

O isolamento social como medida para conter o crescimento dos casos de pessoas infectadas pela pandemia do covid-19 tem causado profundas alterações nas experiências humanas, isso implica também como no contexto educacional. O presente Relato de Experiência apresenta a narrativa de uma jovem professora que no momento também é aluna do mestrado em Psicologia pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. O objetivo da presente narrativa está em descrever e analisar a percepção de vivência da prática docente, durante período do covid-19 e suas implicações na docência quanto nas relações que se estabelece com o os estudantes na universidade, a partir da compreensão de uma pedagogia engajada. Concluo que a experiência deste relato não se finda aqui, por acreditar que novos processos de reflexão, tensionamentos e novas oportunidades de descortinar possam acontecer. Considera-se que a pandemia do novo coronavírus tenha causado impacto nas diversas áreas da vivência humana, inclusive na educação bem como nas relações ocorridas nesse contexto onde o professor e o aluno são peças fundamentais.

Palavras-chave: Relato de Experiência; Ensino; Psicologia; COVID-19.

Abstract

Social isolation as a measure to contain the growth of cases of people infected by the covid-19 pandemic has caused profound changes in human experiences, which also implies as in the educational context. This Experience Report presents the narrative of a young teacher who is currently also a master's student in Psychology from the Bahian School of Medicine and Public Health. The objective of this narrative is to describe and analyze the perception of experience of teaching practice during the period of covid-19 and its implications in teaching as well as in the relations established with students in the university, from the understanding of an engaged pedagogy. I conclude that the experience of this report is not finished here, because I believe that new processes of reflection, tensions and new opportunities to discover can happen. It is considered that the pandemic of the new coronavirus has had an impact on the various areas of human experience, including education as well as in the relationships that occurred in this context where the teacher and the student are fundamental pieces.

Keywords: Experience report; Teaching; Psychology; COVID-19.

Resumen

El aislamiento social como medida para contener el crecimiento de casos de personas infectadas por la pandemia de covid-19 ha provocado profundos cambios en las experiencias humanas, lo que implica también como en el contexto educativo. Este Informe de Experiencia presenta la narrativa de un joven docente que actualmente también es estudiante de maestría en Psicología de la Escuela Bahiana de Medicina y Salud Pública. El objetivo de esta narrativa es describir y analizar la percepción de la experiencia de la práctica docente durante el período de covid-19 y sus implicaciones en la enseñanza así como en las relaciones establecidas con los estudiantes en la universidad, desde la comprensión de una pedagogía comprometida. Concluyo que la experiencia de este informe no ha terminado aquí, porque creo que pueden ocurrir nuevos procesos de reflexión, tensiones y nuevas oportunidades para descubrir. Se considera que la pandemia del nuevo coronavirus ha tenido un impacto en las diversas áreas de la experiencia

humana, incluída a educação, así como en las relaciones que se produjeron en este contexto donde el profesor y el alumno son piezas fundamentales.

Palabras clave: Informe de experiencia; Enseñanza; Psicología; COVID-19.

1. Introdução

*“Mesmo quando tudo pede
Um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede
Um pouco mais de alma
A vida não para*

*Enquanto o tempo
Acelera e pede pressa
Eu me recuso, faço hora
Vou na valsa
A vida é tão rara*

*Enquanto todo mundo
Espera a cura do mal
E a loucura finge
Que isso tudo é norma
Eu finjo ter paciência (...)*

*Será que é tempo
Que lhe falta pra perceber?
Será que temos esse tempo
Pra perder?
E quem quer saber?
A vida é tão rara
Tão rara”*

Paciência - Lenine

É com a letra dessa música que este relato de experiência é iniciado, a fim de contextualizar um período que tem sido marcado por um obscurantismo, repleto de incertezas, mas que ao mesmo tempo, tem sido potencializador de novas formas de se pensar sobre si e a respeito do que se acredita enquanto prática docente. É possível parar e rir com os memes postados nas redes sociais, talvez por sua forma de abordar a realidade com humor (ameniza?), ou por ser a forma como muitos encontram para falar de suas dores. Mas o fato é que, diante de tantas alterações no contexto atípico atravessado em virtude da pandemia do novo *coronavírus* (covid-19), fala-se em processos adaptativos educacionais e de cuidados com a saúde mental com vistas a minimizar os agravos psíquicos, durante esse momento excepcional, o que torna relevante narrar uma experiência docente a partir de como tem vivenciado na pele essas alterações.

Este relato de experiência faz um recorte temporal cujo início está em março de 2020 até dezembro do corrente ano, mas não tem a intenção de esgotar, em sua totalidade, todas as experiências vivenciadas durante o período assinalado. Coloca-se como uma narrativa que entrecruza processos, entre a experiência singular e o vivido coletivizados.

Desde de março de 2020 com a eclosão da pandemia do COVID-19, nós, a comunidade docente, temos vivido tempos obscurecidos, difíceis que têm requerido uma reorganização nas mais diversas instâncias do cotidiano, não sendo diferente com a educação.

O contexto educacional foi rapidamente afetado, levando o Ministério da Educação publicar a Portaria nº 345/2020 orientando a substituição das aulas presenciais por uma educação mediada por tecnologias em caráter emergencial a fim de

conter a propagação do vírus e garantir o andamento semestre e consecutivamente, o ano letivo (Silva, Estrela, Lima & Abreu, 2020).

Acrescenta-se diante disso, ao parafrasear a canção de Lenine que a pandemia parou o mundo, mas nós da educação não paramos. A pandemia e suas demandas de restrição social desafiaram gestores e professores a pensarem sobre novas formas de ensinar e aprender, a partir do manuseio das tecnologias e isso tem sido um processo desafiador, que implicou, sobremaneira, o nosso lugar de fala, revelando desigualdades e precariedades do contexto profissional. Esse reconhecimento se amplia para além dos limites da vivência das autoras e se realiza também ao escutar outros colegas professores, atravessados por tamanhas mudanças nas suas organizações de vida e laborais.

Esse artigo focaliza a reflexão sobre a experiência docente tendo como cenário a substituição das aulas presenciais por aulas remotas e o processo de adaptação no desenvolvimento do trabalho em *home office* e seus aspectos positivos e negativos. O tempo livre e ocupado assumiu novos significados, emergiram novas formas de controle, com pouco tempo para si e para se reorganizar, um tempo que, segundo o poeta, exigiu *um pouco mais de alma*.

Diante disso, só resta o “*Eu que lute*” posto pelos memes nas redes sociais (formalizada para satirizar momentos difíceis).

Figura 1 – Meme eu que lute.



Fonte: Memes Acessíveis. Disponível em: <https://www.facebook.com/memesacessiveis/posts/498487657507413/>

Mas cabe também a pergunta: com que forças?!

Este meme passou a fazer sentido durante o período de pandemia, pois problematiza a questão da sobrecarga, sobretudo e da urgência em criar estratégias de enfrentamento para lidar com a situação estressora, que invade o tempo, a casa, o cotidiano, o corpo. Estranho tempos atuais em que temos vivido. Facci e Urt (2020) trazem que algumas questões podem ser potencializadoras e acabar gerando adoecimento no professor, uma delas é a exposição ao estresse por um tempo prolongado e a pandemia segue se prolongando e a necessidade de criar novas e potentes estratégias para minimizar ou reduzir agentes estressores, terminam por se colocarem com mais uma exigência.

Com isso, o objetivo da presente narrativa está em descrever e analisar a percepção de vivência da prática docente durante período da pandemia da Covid-19 e suas implicações na docência quanto nas relações que se estabelece com estudantes na universidade.

2. Metodologia

O relato de experiência se constitui como uma narrativa que marca um importante e ao mesmo tempo delicado período para uma jovem professora do ensino superior, que no momento também ocupa o lugar de fala como estudante de um programa de mestrado profissional em Psicologia durante ocorrência do novo *coronavírus*.

Daltro e Faria (2019) problematizam como o relato de experiência é uma modalidade de escrita científica, própria da pesquisa qualitativa necessária à compreensão da articulação entre o coletivo e o individual. Para as autoras, um Relato de Experiência pressupõe uma narrativa que leva em consideração as memórias de quem escreve, a forma como este foi atravessado, bem como a construção de entendimento que faz da experiência ocorrida. Elucidam que o relato de experiência é mais que a descrição, contando também com o processo interpretativo e de compreensão do fenômeno relatado. Ainda de acordo com Daltro e Faria (2019) “não se trata de escrever um poema ou uma narrativa musical que dê conta de um processo de elaboração pessoal, mas trata-se de promover o adensamento de um campo teórico, a partir de uma experiência de efeito significativo” (p. 231).

A experiência apresentada é uma narrativa fruto de experiência vivida e que se ampara dentro das pesquisas qualitativas. Constitui-se como uma narrativa que inclui elementos históricos, experiências de afetação, bem como a sua percepção frente a seus efeitos e significância. Com isso, visa narrar o conhecimento oriundo da vivência para propor reflexões a respeito do fenômeno abordado.

A coleta de dados contou com o relato de experiência, apresentado por uma jovem professora do ensino superior e ao mesmo tempo aluna de um programa de mestrado profissional em Psicologia no contexto em que acontece a pandemia do novo *coronavírus* (COVID-19). O recorte do período vai de março até dezembro de 2020 e a autora discute através dos registros de suas memórias e da experiência atual os efeitos da pandemia na docência e nas relações que estabelece com os estudantes em virtude desta.

3. Resultados e Discussão

A vivência de duplo papel, como docente e estudante de pós graduação há 1 ano e meio, tem se configurado como uma vivência custosa em termos de tempo e demandas relacionadas à saúde mental. Monteiro e Souza (2020) trazem que a saúde mental tem sido posta à prova, cotidianamente, e isso tem a ver com as mudanças rápidas, medos e pela afetação sofrida em virtude da pandemia. Demarcam ao falar sobre o ofício do professor, considerar não apenas o tempo em que ocorrem as aulas, mas também o tempo despendido entre planejamento, orientações a estudantes, condições de trabalho, tendo em vista que muitos precisam trabalhar em outras instituições, por exemplo.

Diante do exposto, torna-se importante sinalizar que a pandemia, bem como todos os atravessamentos oriundos dela são fatores potencialmente estressores, o que pode implicar em sofrimento psíquico e conseqüentemente prejuízos no desempenho. Em um contexto de pandemia, ocupar o lugar de estudante por outro lado, também apresenta seus desafios que vão desde gestão do tempo, autonomia para o estudo, participação nas aulas devido cansaço até questões vinculadas à tecnologia. Dessa forma, vivenciar o duplo papel docente e estudante dentro desse contexto não se configura como uma rotina fácil. Não se trata neste relato de negar as potencialidades do *home office* e as oportunidades advindas dele, apenas sinaliza como um recorte temporal onde ninguém estava preparado (Monteiro & Souza, 2020).

Com esse cenário, questiona-se como fazer a leitura de textos, participar ativamente das aulas, manter concentração, quando esse mesmo estudante é também um professor que por outro lado também está nas tentativas de reorganização? É um acúmulo de tudo ao mesmo tempo, além máxima neoliberal que diz “você consegue” e o não conseguir dar conta de tudo pode suscitar a falsa crença de que é culpado. O estar em casa, antes percebido como local de refúgio, descanso e conforto familiar,

pós dia de trabalho ou estudo, parece ter se configurado na atualidade como a possibilidade de dar conta de todas as atribuições estando dessa forma simbolizado com o estar disponível.

Após refletir sobre a questão acima e ao pensar nas mudanças ocasionadas pela necessidade de alteração na práxis educacional em virtude do momento atípico, o estabelecimento do *home office* e sobretudo nas fragilidades percebidas entre o que é público e privado, Leal (2017) em seu artigo fala sobre a crise dos laços sociais na vida pública esclarecendo, inicialmente, o conceito de público e privado. A autora demarca suas diferenças por meio do entendimento de visibilidade, cujo público é aberto, de fácil acesso, contrapondo-se ao entendimento privado que repousa no que se entende por secreto. Outra diferença está no entendimento de coletividade, onde público é o que concerne a todos e que pode afetar à coletividade. Em contrapartida, o privado restringe-se ao domínio particular, individual. De acordo com ela, essas concepções podem ser misturadas e até mesmo confundidas. Não seria justamente esse o caso da fragilidade do que é público ou privado nesse novo contexto educacional? Aprofundando o tema ampara-se em Richard Sennet ao comentar sobre a decadência da vida pública como algo associado à incivilidade. Para ele, a civilidade se dá por meio de uma relação impessoal cujas pessoas consigam partilhar suas ideias sem que haja intimidade, justificando a necessidade das máscaras como cerne da civilidade.

Por outro lado, uma sociedade que não tem bem delimitado seus limites, onde o contato com pessoas estranhas ultrapassa o território do público pode trazer algumas consequências que merecem ser consideradas (Leal, 2017). Com relação ao uso da internet, entendimento que diverge entre autores, Sennet toma posição de que esta vá de encontro ao processo de civilidade, apontando a quebra na intimidade, daquilo que era pessoal transformando o contato com o estranho carente de impessoalidade, o que para o autor é necessário para uma vida pública. Tal compreensão soma-se nesse sentido ao exposto acima quando comentado sobre as mudanças no acesso e visibilidade referentes ao professor *versus* estudante. A sala de estar, o quarto ora compartilhados com outros membros da família, por exemplo, passaram a serem vistos também como adaptações para salas de aulas e estudos, afetando a intimidade de ambos.

Silva et al. (2021) chamam a atenção ao fato de que lógicas tais como, mau-bom, capaz-incapaz, devem ser evitados tendo em vista sustentar a condição paralisante e o sofrimento improdutivo. De acordo com os autores, em um contexto complexo pode ser mais interessante lidar com o que é real, as dificuldades e possibilidades, por meio do: o que é possível para hoje?

Nessa direção, convém acolher os processos emocionais seja enquanto estudante, seja enquanto docente, a fim de não tentar controlar o que não é possível e recair na lógica promotora de mais sofrimento e do fracasso, isso sem desconsiderar a posição de vulnerabilidade que se encontra.

Entre as múltiplas experiências de aprendizagem a pandemia demandou diversas reorganizações a fim de dar seguimento ao que propõe a vida. Nesse contexto professor e estudantes se fazem, mutuamente, responsáveis pelas relações que ali se produzem (Facci & Urt. 2020).

Os desafios da docência atravessada em tempos de pandemia

A pandemia do novo *coronavírus* (covid-19) tem atravessado a humanidade de forma alastradora, não sendo diferente com a educação que tem sentido seus impactos fortemente. Era 17 de março de 2020, quando foi preciso comunicar aos estudantes que o centro universitário suspenderia as aulas presenciais emergencialmente por conta da pandemia. Até então pensava-se que fosse algo breve, mas não foi e aqui estamos há nove meses longe das salas de aula do centro universitário, sem manter contato proximal e ouvir as vozes dos estudantes em sala ora conversando, ora questionando sobre as temáticas das aulas e isso não é bom.

Em um curto espaço de tempo, professores e estudantes tiveram de deixar às salas de aula “presencial”, o contato direto, precisando se adaptar e a aprender a lidar com as tecnologias, novas metodologias visando garantir a continuidade do

processo educacional. A respeito das tensões experimentadas pelos professores no ambiente de trabalho, Facci e Urt (2020) dizem que os constantes tensionamentos podem levar o professor ao sofrimento, consecutivamente ao adoecimento. As autoras entendem a problemática em torno do sofrimento/adoecimento, a partir de uma contextualização sócio-histórica e não como sendo constituídos de forma individualizada no interior de cada sujeito. Complementam considerando as “condições físicas e materiais que vão se deteriorando e do descrédito ou da banalização que a educação, e tudo o que ela implica (os profissionais, por exemplo), vêm sofrendo” (Facci & Urt, 2020, p.178).

Organizar o tempo de *home office* foi uma experiência desafiadora para os professores, no mundo todo. Expectativas quanto ao uso de novas e antigas plataformas, qualidade da conexão de internet, um maior número de horas frente a uma tela foram experiências que se somaram as dificuldades semelhantes vividas pelos estudantes. Tais vivências coletivas implicaram em deslocamentos nos modos de ensinar e aprender nesse período.

Dentro desse novo contexto, muitos têm sido os desafios enfrentados pelos professores e é desse lugar de fala que a autora deste relato se ocupa a refletir. De março de 2020 até o presente momento, vários foram os atravessamentos e tensões experimentados: incertezas, sensação de sobrecarga, novas informações que chegam a todo instante de uma realidade desconhecida.

Sobre os desafios pelos quais os professores passam, Aguiar, Vieira e Valadares (2021) trazem que para além dos medos em torno da doença em si, os professores têm sido convocados a reinventar sua prática docente, adaptando materiais e suas didáticas de ensino, apresentando abertura a inovação do ensino não-presencial. Segundo esses autores, em uma cartilha sobre saúde mental dos professores diante do contexto de pandemia, alguns professores revelam excesso de trabalho, adentrando até tarde da noite e invasão do seu ambiente familiar, atualmente sua casa se tornou sua sala de aula.

A esse respeito, Silva et al. (2020) chamam a atenção para o fato de que o contexto atual é potencializador de adoecimento seja pela quantidade de informações sobre o COVID-19, seja pelas pressões que têm sofrido o professor e colocam como possibilidade intervenções com o docente, ações com foco na capacitação deste profissional, quanto em sua saúde mental. É como um abrir-se para novas possibilidades e dentro disso é importante também citar que apesar das questões que se apresentam desestruturantes, existe também o lado positivo deste momento que tem proporcionado aprendizado e novas possibilidades para a prática pedagógica.

Ao pensar na tentativa de dar conta de tantas atribuições, o sujeito toma para si como verdade que ele tudo pode fazer e assim se autoflagela. Han (2017) chama atenção para esse desempenho, levando em consideração que a crença de que tudo pode fazer em prol de uma produtividade tem por base uma técnica disciplinar, ou seja o dever que se constitui como imperativo e impõe o exercício da auto-exploração, na busca de dar conta da vida, como ela se impõe. Para este filósofo contemporâneo, o aumento de estímulo, das informações recebidas, a sobrecarga que o sujeito experimenta em nada contribui para o avanço da civilização, ao contrário, pode levar ao adoecimento.

Pensar em positividade, sujeito multitarefa é assim para ele um retrocesso que coloca em jogo a contemplação de si mesmo, ou seja, não consigo olhar para mim, pois tenho alguma outra coisa para fazer logo depois dessa tarefa. Dessa forma, o adoecimento por síndrome de *burnout* pode acontecer por um imperativo de desempenho que se atrela a uma nova condição de sociedade pós-moderna do trabalho. Aguiar et al. (2021) comentam que apesar da sobrecarga emocional experimentada pelos professores, estes precisaram não somente rever sua prática pedagógica e prestar suporte ao estudante, mas sobretudo revisitar suas emoções, o que os autores chamaram de “seu próprio caminho”, a fim de criar estratégias de enfrentamento para o momento atual. Isso me fez lembrar os momentos em que foi preciso acolher esse estudante, já que muitos têm no professor aquele capaz de orientar e resolver problemas. Não que o acolhimento e a escuta ativa não acontecessem antes da pandemia, mas há de se considerar a potencialização da dependência de alguns estudantes nesse momento. De fato, por vezes houve a necessidade de um revisitar às emoções, identificar o que estava sentindo, buscando acolher as diversas emoções e os

desconfortos experimentados por algumas delas, sendo tudo muito delicado. É sobre aquele entendimento de coisas que estão sobre o nosso controle e coisas que não estão e resolver o que não se pode ser solucionado no momento não está sob nosso querer. E vida que segue!

Dinizet al. (2020) dizem que não é novidade que a educação tem passado por transformações ao longo do tempo e que os professores têm uma carga horária excessiva de trabalho, entretanto ao falar sobre uma pandemia é preciso registrar que a vivência profissional, misturada ao cotidiano do isolamento social muitas vezes fragilizava os limites entre o que é profissional e o que era pessoal, fazendo emergir novas competências e algumas contradições.

Inicialmente foi assustador, porém, depois de tantos meses, tornou-se necessária a criação de algumas estratégias pessoais como forma de cuidar e reduzir tensões. Reduzir visualização de mensagens no *whatsapp*, estabelecer momentos durante a semana para resolver questões pertinentes ao trabalho e evitar utilizar os fins de semana para este fim e percebi que isso ajudou muito.

De acordo com o exposto, Facci e Urt (2020) relatam que identificar os problemas que estão afetando a saúde é primordial como um modo de enfrentamento, haja vista que a partir de sua identificação, das causas que originam o problema, fica mais fácil intervir. No contexto das estratégias que podem ser feitas na coletividade, as autoras também colocam o estabelecimento de uma boa relação com os estudantes, além de outras boas vinculações como fator que contribui no enfrentamento de situações adversas vivenciadas pelo professor. Diante disso, falam que “um ambiente no qual se reduz a competição e as intrigas e no qual se possibilite a conversa descontraída, inclusive sobre assuntos banais, certamente é um redutor do estresse laboral e proporciona ao grupo menor possibilidade de adoecimento” (Facci & Urt, 2020, p.243). Acredito, então, que este seja um dos diferenciais nas minhas aulas e que percebo ajudar bastante.

Acolher estes estudantes que também entram nas aulas com suas inquietações e promover momentos mais dinâmicos, reflexões sobre músicas ou apenas lançar uma pergunta no interesse em saber como eles estão se sentindo parece aliviar a dureza que estar do outro lado da tela. Isso faz recordar falas ouvidas/lidas em sala de aula online: “*obrigada prof por perguntar*”, “*suas aulas são diferenciadas, em um dia de sexta-feira onde estamos cansados vir assistir aula não é ruim com a senhora*”, “*suas aulas me fazem refletir e tem me ajudado muito*”. Ao sair do lugar de docente e ocupar o lugar de fala de estudante, torna-se imprescindível ratificar a importância da relação intersubjetiva que se dá entre professor *versus* estudante. Nesse sentido, convém mencionar em forma de agradecimento a minha orientadora, a professora Dra. Mônica Ramos Daltro, com quem divido a autoria desse artigo, que humanamente soube acolher esta jovem professora e estudante diante dos desafios vivenciados numa postura afetiva, o que contribuiu para tornar o percurso menos enrijecido e doloroso: “*como você está?*”, “*sua fala me representa, estamos todos cansados*” em uma postura empática. Mas também me convidou a essa escrita, inspirada na importância do ato de escrever no processo de decantação e elaboração de singularidades (Daltro & Faria, 2019)

Como um dos efeitos negativos percebidos no *home office* e aulas remotas durante este período está a rouquidão e cansaço ao falar, isto sendo visto como sinais do corpo para a necessidade de descansar. Facci e Urt (2020) comentam que a ingestão de água é uma estratégia de enfrentamento para problemas que envolvem a voz e dão nesse sentido algumas orientações, com fins de auxiliar o professor nesse processo. Ainda acrescentam sobre a importância do uso de vídeos, outras ferramentas pedagógicas visando diminuir o tempo de fala do professor em uma aula, atividades que estimulem a participação do aluno, por exemplo. Ainda que sejam ações conhecidas pelos professores, acredita-se que nesse momento atravessado das aulas mediadas por tecnologia, através de plataformas digitais, nem sempre isso se torna uma tarefa fácil. Outro dado a destacar é a participação dos alunos em aula, utilizando mais o espaço do *chat* ou abrindo o áudio para se comunicar com o professor, isso faz com que este precise continuar utilizando da sua voz.

A relação professora x aluno e os desafios durante pandemia.

A respeito da relação professor *versus* aluno toma-se aqui como inspiração as palavras de Paulo Freire: “Ser capaz de recomeçar sempre, de fazer, de reconstruir, de não se entregar, de recusar burocratizar-se mentalmente, de entender e de viver a vida como um processo como vir a ser...”. Entendo a docência como processo que se dá nas relações, onde as subjetividades acontecem, construções intelectuais, históricas e de vida são potencializados, sem desconsiderar as tensões circulantes nesse território também despertadas e que merecem atenção.

Segundo Pereira (2020), por conta do cenário atual a relação interpessoal presencial do professor com o estudante foi rompida. Este precisou demandar esforços na tentativa de identificar novas formas de comunicação, ensinar e aprender, promover interação com o aluno; novas formas de leitura de uma subjetividade, que emerge mediada por uma tecnologia formal. Em contrapartida, os alunos também foram confrontados e levados a repensar novas formas com que constroem o conhecimento, processo de aprendizagem, como gerenciam sua autonomia e desenvolvem a responsabilidade. Com isso, mesmo em conjunto, mas distantes precisaram encontrar meios e estratégias pedagógicas para a continuidade das aulas, utilizando as tecnologias de comunicação. Dosea et al., (2020) avaliam como positivo a proposta da modalidade do ensino a distância, corroborando com Pereira (2020) quando cita sobre o processo de autonomia do estudante, economia de tempo e outros benefícios. Entretanto, ressaltam que o distanciamento de professores e colegas causam sentimento de solidão no estudante, levando em consideração a necessidade de interação que este tem, sentindo-se inclusive desmotivado. Ao pensar nos estudantes ingressantes, especificamente, diante do momento atípico, foi inevitável a reflexão de como ajudá-los no desenvolvimento do seu ofício de estudante como proposto por Coulon (2017), neste período de aulas remotas tão desafiador para todos. Na direção do conceito proposto por este etnógrafo francês sobre o ofício do estudante, autores como Soares et al. (2015) abordam sobre a necessidade de o acadêmico ir na direção do que ele chama de afiliação. Esta pode ser institucional quando o estudante se apropria das regras, normas, signos, diretrizes propostas pela universidade, quanto a afiliação intelectual, referindo-se à forma que o estudante desenvolve sua aprendizagem, entende os conteúdos, envolvendo seu comprometimento e autonomia no processo. Os autores ressaltam que tais processos não ocorrem de forma homogênea e que há uma cultura posta para que o estudante se aproprie.

Sabe-se que o estudante ao adentrar no contexto da universidade pode enfrentar uma série de deslocamentos até desenvolver seu ofício de estudante, pode-se então pensar que nesse contexto das aulas remotas, por conta do isolamento social, isso possa ficar mais delicado, sobretudo, pelos efeitos que a pandemia pode ocasionar. Conforme citado anteriormente, a autora deste relato vivencia os dois lados, um enquanto aluna de um programa de mestrado profissional em psicologia e por outro lado, a docência. Como aluna de mestrado, cabe refletir sobre seus deslocamentos em dois momentos: ao ingressar no mestrado, há um ano, e o momento atual atravessada pela pandemia. Num primeiro momento foi necessário compreender o funcionamento do programa/instituição, normas, prazos, que claramente se fizeram necessários, além de reorganizar rotina/horários para estudo e conciliar com as demais atividades, passando pela fase de estranheza até a afiliação conforme Coulon (2017). No papel de estudante, perpassou por duas outras fases: a de aprendizagem, que inclusive contribuiu para a permanência no curso, e finalmente a afiliação já acima descrita. Conviver com professores e pares nessa relação intersubjetiva, presencialmente, também faziam parte da adaptação estudantil e seguramente contribuíra afetivamente na adaptação (Coulon, 2017).

No segundo momento, pode-se afirmar que o processo foi mais desafiador, além de precisar compreender a nova lógica das aulas online, as disciplinas do programa, por outro lado enquanto docente, percebia a necessidade de reinventar práticas pedagógicas adequadas ao momento, a fim de dar seguimento ao ofício.

Se anteriormente o processo de adaptação estudantil pressupunha apropriação de nova cultura estudantil e autonomia a fim de gerir horários, entendimentos administrativos, acadêmicos e relacionais, torna-se válido considerar, neste momento,

que ser estudante e docente tem tido contornos mais conturbados e por vezes fora do controle. Apesar de compreender os pré-requisitos do ofício estudantil, há que se considerar que a pandemia colocou estudante/professor diante de grandes desafios, inquietações e incertezas.

Diante disso, ao saber que uma não afiliação ao processo educacional se perfaz em fracasso estudantil Coulon (2017), cabe a reflexão diante da experiência obscura que a pandemia impõe, quando as relações humanas e formas de trabalho foram alteradas, uso de tela exacerbado, vivência em torno da produtividade, dentre outras questões que entrariam, nesse sentido, o fracasso, tendo em vista que a humanidade tem estado em uma posição de vulnerabilidade cognitiva, comportamental e emocional. As dificuldades enfrentadas não dizem respeito apenas a questões individuais, solucionáveis apenas pelo sujeito, faz parte de um contexto onde as imprevisibilidades têm existido.

A partir do que foi exposto e a respeito da filiação proposta por Coulon, entende-se que esta não é estática, mas que pode ser alterada diante de novas situações (Soares et al., 2015) como tem sido visto na atualidade. Em um artigo não atrelado aos efeitos da pandemia, Freire et al. (2021) falam da necessidade de ressignificação identitária, experimentada por estudantes, e que esta pode ter como consequência alterações psicológicas expressivas, afetando a forma como estes percebem a si mesmos e ao contexto social. Nessa perspectiva, convém salientar alguns fatores que apontam para a ocorrência de problemas de saúde mental em estudantes, a saber: problemas pertinentes ao curso e sobre a adaptação ao contexto universitário, inquietações sobre o futuro profissional, por exemplo.

Assim, Gundim et al. (2020) apontam que os estudantes universitários tiveram alterações no seu bem-estar psíquico, colocando que tais alterações podem ter acontecido em virtude das mudanças rápidas experimentadas. Comentam que as incertezas, frente ao retorno às aulas presenciais, questões envolvendo aos recursos virtuais para acessar as aulas, alterações na rotina, por exemplo, podem levar a experimentar ansiedade e incertezas. Sobre os recursos virtuais acima citados Dosea et al. (2020) apesar de trazer pontos positivos das aulas mediadas por tecnologias, concordam com uma pesquisa feita em 2018 quando apresentam as fragilidades do ensino remoto, incluindo falta de acesso à internet, rede *wi-fi* deficitária, ausência de recursos tecnológico para uso, possibilidades de distração na aula, qualidade de transmissão da aula. De acordo com os autores, estes fatores que estão ligados ao processo de aprendizagem do aluno, sendo que a partir do momento em que essas dificuldades aparecem, reduzem a interação do aluno na aula remota, culminando na sua insatisfação. Quantas vezes foi preciso parar a aula para repetir informação para o estudante que havia tido uma interferência na sua conexão, sinalizar onde encontrariam material, caso não conseguissem ter acesso satisfatório durante as aulas?

Sobre percepção dos efeitos da pandemia na saúde mental dos estudantes, Gundim et al. (2020) falam dos desdobramentos que também se tornaram foco no contexto acadêmico como: a interrupção da rotina estudantil, preocupação com o adiamento das atividades acadêmicas, o que repercute em atraso no cronograma do curso e consecutivamente nas expectativas dos estudantes, frente aos planos de vida profissional e futuro, por exemplo. Nesse contexto, há de se considerar o sentimento de incerteza, ansiedade, expressa por alguns nas aulas online, o que era visto como aceitável, natural para o momento atravessado por todos. Sobre a expressão das emoções desconfortáveis, tais como estresse, raiva, medo, os autores acima citados reforçam sua ocorrência tendo em vista situação de calamidade pública. Dentro desse contexto, Lima (2020) considera que os efeitos da pandemia têm afetado tanto a nível individual, quanto na coletividade, repercutindo nas questões de saúde mental. Este considera que nas condições atuais, tal como uma crise sanitária, o número de pessoas com o psicológico afetado é maior que o de pessoas infectadas pelo vírus.

Esse tem sido um momento novo para todos, estudantes e docentes. Diante disso, aparece a dificuldade no uso da plataforma para ter acesso aos materiais e informações, problemas com conexão, áudio e vídeo, além de outras questões. Gundim et al. (2020) ainda sobre os aspectos que causam interferência na saúde mental dos estudantes citam justamente o

colocado acima como, por exemplo, preocupações com o acesso à internet, além de realização das suas aulas de forma remota, distanciamento de seus colegas e os obstáculos enfrentados na adaptação à nova metodologia de aprendizagem utilizada.

A partir do exposto acima, a fim de minimizar os tensionamentos oriundos do momento, o diálogo aberto torna-se necessário para uma escuta atenciosa e seus direcionamentos. O que o docente pode fazer, a fim de minimizar o mal-estar discente? Essa postura também não é o que se espera de um docente? Penso que sim, pois Freire (1996) em seu livro *Pedagogia da Autonomia* diz que não há docência sem discência, chamando a atenção para a importância dessa relação. À vista disso, o cuidado em iniciar a aula acolhendo a fala dos estudantes, dúvidas, ouvindo sobre suas emoções. Diante de um momento percebido como adverso, por alguns, a arte. A exemplo disso, temos a música utilizada por vezes antes de iniciar a aula.

Coincidentemente este é um período de finalização de mais um semestre. Apesar dos atravessamentos ocasionados pela pandemia, há de sinalizar uma demonstração positiva nas turmas dos estudantes ingressantes, através de falas positivas e em agradecimento ao que chamaram de “paciência”, durante o semestre transcorrido. Ler tais relatos é de emocionar, tendo em vista a dureza que foi o semestre e pela sensação de missão cumprida.

Sem dúvidas, algo muito positivo da docência tem a ver com o contato e vínculo estabelecido com os estudantes, não apenas a valorização da cognição, do saber *a priori*, mas sobretudo a alegria que é relacionar-se com o outro e perceber, a partir desse encontro, o aprendizado. Dentro desse contexto, Veras e Ferreira (2010) comentam que na relação professor *versus* aluno a afetividade deve ser levada em consideração, sendo um fator importante para as relações desenvolvidas em sala de aula. Tanto os aspectos cognitivos, quanto os de afetividade influenciam toda e qualquer atividade do ser humano de forma inseparável, por isso, estas devem ter a merecida atenção. Diante disso, ser professora, nesse cenário de pandemia, oportunizou um processo de reflexão sobre a práxis necessária, repensando estratégias pedagógicas concernentes ao período, flexibilizando que há endurecimento, ainda que as plataformas digitais sejam a orientação para a educação por mais tempo.

Indo nessa direção Hooks (2017) versa sobre uma pedagogia engajada, cuja ênfase é dada às questões relativas ao bem-estar. É também conhecida por progressiva e holística, que possibilita o aprendizado de todos e considera tanto o professor quanto os estudantes como participantes ativos na construção do conhecimento. No que se refere ao professor, a autora chama a atenção ao compromisso quanto ao desenvolvimento do seu bem-estar, fala-se então de uma autoatualização. Para ela, somente a partir disso o professor pode ensinar, capacitando seus alunos. Isso chama a atenção, porque ela traz que não há como ajudar outras pessoas se a pessoa que ajuda, no caso o professor, estiver infeliz. E de fato, faz a diferença.

Entretanto, há de se considerar que essa demanda por parte do professor não é uma tarefa fácil, sobretudo em um contexto de pandemia que ele também é por vezes afetado. A partir do entendimento que Hooks traz em seu livro, percebo que desde meu início na universidade, ele tem sido marcado por um posicionamento onde a docência pode ser feita na coletividade (professor e aluno), sendo assim, mantendo abertura para acolher as diversas subjetividades que compõe o espaço da sala de aula, incentivar processos críticos e perceber a vida por outros lugares de fala, desconstruindo a visão do professor tirano, detentor do saber e coercitivo.

Para Hooks (2017) os estudantes “querem um conhecimento significativo. Esperam, com toda razão, que eu e meus colegas não lhes ofereçamos informações sem tratar também da ligação entre o que eles estão aprendendo e sua experiência global de vida” (p.33). Há um componente curricular cuja satisfação tem sido expressa nas palavras dos estudantes durante as aulas, seja pelo conhecimento, que é dialogicamente construído, seja pelos conteúdos humanísticos: “*só suas aulas para me fazer entrar aqui hoje (sexta-feira) estando cansado*”, “*professora o assunto da semana passada tem me ajudado bastante no meu trabalho*”. Nada é desprezível, na realidade fazem parte de vivências potenciais no território dialógico da universidade.

Freire (1996) diz que é impossível uma prática de respeito com o educando que não leve em consideração a forma como eles veem existindo, as formas de ser que eles trazem à escola, no contexto que é narrado este relato, a universidade. Não

é possível deixar de citar quão profundamente professores e estudantes têm sido atravessados pela pandemia do coronavírus e como cada estudante traz consigo suas interpretações para o momento.

A respeito da relação estabelecida com o estudante, Freire (1996) diz que nenhum professor passa pela vida do estudante sem deixar suas marcas e isso ficou claro nos momentos finais do semestre, através das mensagens recebidas de agradecimento pela condução do semestre. Uma condução não isolada, mas compartilhada com todos.

Por fim, esta experiência contida neste potencializador relato, contribui diretamente com a prática de sala de aula desta professora, com a construção pessoal e de estudante de mestrado, o que facilita a compreensão destes estudantes, para além das discussões teóricas. Estas se centram, a partir de um contexto sócio-histórico, o que tem sido marcada por uma pandemia e os efeitos advindos dela.

4. Considerações Finais

Este relato de experiência está construído sobre a crença de que a qualquer momento novas construções possam ser novamente elaboradas, a partir das vivências em sala de aula. Contudo, essa construção não foi uma narrativa simples de ser feita, trouxe consigo algumas inquietações sobre o fenômeno descrito que, por ora, não foi exposto no relato, mas que por outro lado, fez acender a luz da esperança frente a uma educação que promova espaços mais éticos e democráticos, assim como acredita a autora desta narrativa.

Considera-se que a pandemia do novo coronavírus tenha causado impacto nas diversas áreas da vivência humana, inclusive na educação, bem como nas relações ocorridas nesse contexto que o professor e o aluno são peças fundamentais. Repensar a prática docente e suas relações com o ensino e as experiências dos estudantes se perfaz necessário diante de um cenário caótico e obscurecido. Nesse sentido, convém retomar o que sensivelmente está exposto na letra da canção de Lenine – epígrafe desse texto - que adverte que *mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma, de alma, a vida não para*. E recomenda que *enquanto o tempo acelera e pede pressa, vá na valsa*. O poeta não convida para a inércia, mas deixa nas entrelinhas a flexibilidade para mudar conforme seu tempo.

De certo, professores e estudantes nunca estiveram numa posição tão desafiadora, tendo em vista a necessidade de aprender não só a usar novas tecnologias, como tanto se fala por aí, mas a de inventar novas formas de encontro e de promover cuidados e autocuidado. Afinal, estamos juntos na mesma travessia e a *vida é tão rara*. Perspectiva essa que se volta ao exercício de promover práticas pedagógicas engajadas que levem em consideração o desenvolvimento global do estudante, a autoatualização de professores e estudantes, valorizando aspectos das percepções que, fazem a partir das suas construções, são necessárias a fim de seguir com êxito na jornada acadêmica.

Por se tratar de um relato, cuja experiência se dá em um recorte temporal específico e considerando as possíveis mudanças oriundas das vivências atuais, considera-se relevante que sejam feitas novas pesquisas com vistas a promover o adensamento a respeito da temática abordada.

Referências

- Aguiar, A. C. I. de A.; Vieira, E. C., & Valadares, M. V da C. (2021). Laços e nós: do psicólogo escolar educacional na saúde mental dos professores diante da pandemia do novo coronavírus (covid-19). In: Negreiros, F., Ferreira, B. de O.(org), *Onde está a psicologia escolar no meio da pandemia?* (pp. 328- 346). Pimenta Cultural.
- Coulon, A. (2017). O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. *Educação e Pesquisa*, 43(4), 1239-1250.
- Daltro, M. R. & Faria, A.A. de. (2019). Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(1), 223-237. Recuperado a partir de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/43015/29726>
- Dosea, G. S., Rosário, R. W. S., Silva, E. A., Firmino, L. R., & Oliveira, A. M.S. (2020). Métodos ativos de aprendizagem no ensino online: a opinião de universitários durante a pandemia de COVID-19. *Interfaces Científicas-Educação*, 10(1), 137-148.

Diniz, L. T. S., Padilha, Y. L., Souza, A. E. A., Medeiros, J. M. A., & Souza, P. D. F. B. (2020). Percepção de professores sobre o processo de ensino e aprendizagem em tempos de pandemia. *Educação Contemporânea-Volume 13 Metodologias*, 7.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra, 1996.

Freire, K. E. S., Dazzani, M. V. M., & Marsico, G. (2021). A saúde mental de estudantes universitários brasileiros: Uma revisão de literatura integrativa. In G. Gonçalves dos Santos and S. Maria Rocha Sampaio (ed). *Observatório da Vita Estudantil, Interdisciplinaridade, Vida Estudantil e Diálogo de Saberes*. Salvador: Edufba.

Facci, M. G. D., Urt, S.C. (orgs). (2020). *Quando os professores adoecem* [recurso eletrônico]: demandas para a psicologia e a educação. – Campo Grande, MS: Ed. UFMS.

Gundim, V. A., Encarnação, J. P., Santos, F. C., Santos, J. E., Vasconcellos, E. A., & de Souza, R. C. (2020). Saúde mental de estudantes universitários durante a pandemia de covid-19. *Revista Baiana de Enfermagem* 35, Recuperado a partir de <https://cienciasmedicasbiologicas.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/37293/23>

Han, B. C. (2017). *Sociedade do cansaço*. Editora Vozes Limitada.

Hooks, B. (2013). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Editora WMF Martins Fontes.

Leal, G. F. (2017). Alteridade, vida pública e educação: discussões a partir de Richard Sennet e Zygmunt Bauman. *Revista de Ciências HUMANAS*, 51(1), 144-157.

Lima, R. C. (2020). Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 30, e300214. <https://doi.org/10.1590/s0103-73312020300214>

Monteiro, B. M. M., & Souza, J. C. (2020). Saúde mental e condições de trabalho docente universitário na pandemia da COVID-19. *Research, Society and Development*, 9(9), e468997660-e468997660.

Pereira, H. P., Santos, F. V., & Manenti, M. A. (2020). Saúde Mental de Docentes em Tempos de Pandemia: os impactos das atividades remotas. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 3(9), 26-32.

Pereira, L. (2020). O sentir dos alunos num novo contexto de aprendizagem. In Alves, J. M., & Cabral, I. (2020). *Ensinar e aprender em tempo de COVID-19: entre o caos e a redenção* (pp.110-112). Porto.

Silva, A. F. D., Estrela, F., Lima, N. S., & Abreu, C. T. D. A. (2020). Saúde mental de docentes universitários em tempos de pandemia. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 30, e300216.

Silva, L. S., Júnior, P.R.M., & Araújo, F. E.N. (2021) Ensino superior em tempos de pandemia: sofrimento, culpa e (im)produtividade. In: Negreiros, F., Ferreira, B. de O. *Onde está a psicologia escolar no meio da pandemia?* (pp. 272-286) Pimenta Cultural.

Soares, M. P., Carneiro, V. T., & Pereira, M. S. (2015). Permanecer na universidade: afiliação intelectual e institucional de estudantes de origem popular. In *Anais do II Congresso Nacional de Educação–CONEDU. Realize Eventos & Editora*.

Veras, R. S. & Ferreira, S. P. A. (2010). A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem, em contexto universitário. *Educar em Revista*, (38), 219-235. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602010000300015>